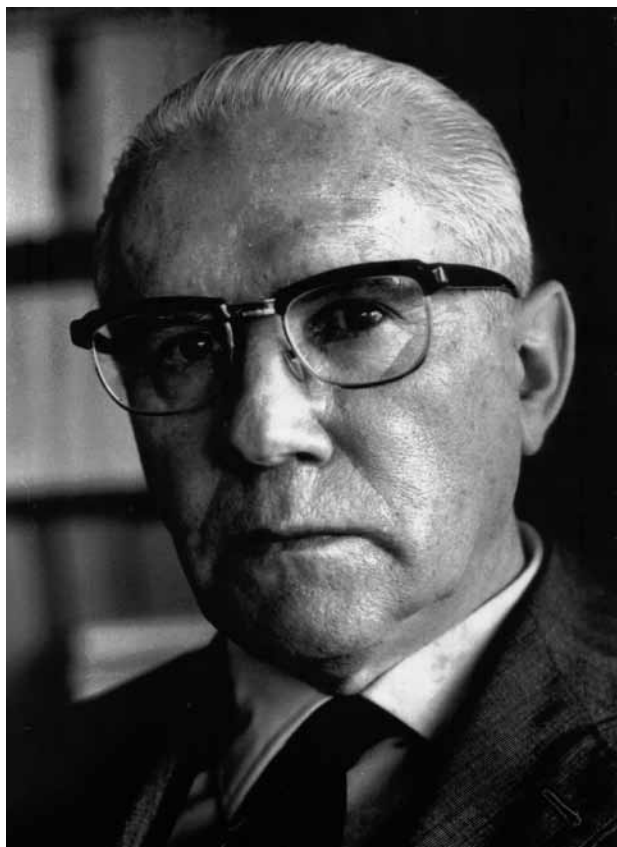




O MESTRE DO DIREITO PENAL

Referência entre penalistas e responsável por formar uma geração de grandes juristas paulistanos, o professor Basileu Garcia tem seu livro reeditado

Por Gabriella de Lucca

Professor de Direito Penal na Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP) durante 35 anos, Basileu Garcia é autor do principal livro sobre esse tema, *Instituições do Direito Penal*. Nasceu em Rio Claro, em 1905. Aos 9 anos foi morar com outra família, porque seu pai não tinha condições de criá-lo. Sempre muito estudioso e excelente em português, foi convidado a dar aulas no colégio em que estudou, em Campinas. Enquanto estudava Direito, trabalhou na imprensa como redator-secretário do *Diário da Noite*, sob a direção de Plínio Barreto e depois de Rubens de Amaral. Após se formar, foi redator-chefe do *Diário de*

São Paulo, o carro-chefe de Assis Chateaubriand na capital paulista. “Ele se chamava Basileu Garcia Veiga e quando começou a escrever no jornal precisava de um nome curto, por isso acabou só Basileu Garcia. Com o dinheiro ganho no jornalismo ele se mantinha e se ajeitava em sua vida de estudante”, conta Denise Nunes Garcia, advogada criminalista e neta do autor.

Antes de ingressar na carreira docente, exerceu durante dez anos as funções de promotor de Justiça, ocupando por três vezes interinamente o cargo de Procurador Geral do Estado e por um ano o de Diretor Geral da Secretaria de Segurança Pública, no governo de Armando de Sales Oliveira.

Em 1940, entrou para a vida acadêmica, exercendo a função de professor nos cursos de graduação e pós-graduação. Sua grande paixão sempre foi dar aulas. A casa em que morava, na alameda Gabriel Monteiro da Silva, tinha uma biblioteca enorme, repleta de livros. Estudioso, ficava sentado ali durante horas, escrevendo e preparando as aulas. “Tinha um livrão em que mantinha a fotografia de todos os alunos, porque gostava de conhecer um a um pelo nome, saber quem era quem”, conta Denise. Todos tinham medo dele na faculdade por seu comportamento sério e exigente. Além das provas comuns, o professor aplicava uma chamada oral que aterrorizava os alunos.

Apesar disso, Basileu tinha uma excelente didática. “Quem não gostava de direito penal acabava gostando da aula dele, por sua forma de explicar, sempre muito clara”, afirma.

Aos 70 anos recebeu o título de professor emérito na faculdade e teve que se aposentar compulsoriamente, em 1975. Na ocasião fez um discurso com muita mágoa, já que foi obrigado a deixar o que mais gostava de fazer. Depois disso foi se tornando cada vez mais triste.

O manual do Direito Penal

O nascimento de *Instituições do Direito Penal* surgiu das apostilas que Basileu preparava para as turmas do 2º ao 4º ano – das quais era professor. Todo o material era datilografado por ele. A primeira edição é de 1952 e o livro, em dois tomos, expõe os fundamentos do direito penal, explicando conceitos sempre com exemplos. “Mesmo com as mudanças profundas da legislação, que deixaram a obra desatualizada, ela sempre foi uma referência”, diz.



“Quem leu consegue ter uma base do direito, além de o livro deixar clara a responsabilidade moral de quem vai seguir essa área”, considera. Em 1984, um ano antes da morte do autor, a legislação foi modificada, o que alterou a parte geral do código penal, sobre a qual versam os livros. Assim, a obra perdeu sua utilidade, mas continuou sendo um instrumento para quem quisesse compreender o código anterior, de 1940.

Segundo Maíra Rocha Machado, professora de Direito Penal da Direito-GV, mesmo tendo ficado tanto tempo

defasado, o livro serve para entender a lógica da instituição penal: “A maioria das pessoas que julgam hoje no Brasil aprenderam com o código antigo, de 1940, o que significa que a forma de pensar daquela época está arraigada no tipo de aplicação atual do direito, daí a importância de ler a obra”. Basileu deu conta das alterações legislativas nas edições seguintes de seu livro. “O direito era diferente naquela época, a importância era dada somente para a lei, para o legislador e para a doutrina”, conta. “O momento de aplicação, a atividade do juiz, ficava em segundo plano.” Para ela isso fica claro nessa obra, em que não há referências às decisões judiciais.

Liberdade 65 e o advogado noveleiro

Durante toda sua vida, Basileu manteve um escritório em um lugar muito famoso entre os juristas, o Liberdade 65. É um prédio que fica na Avenida Liberdade, no número 65, e abrigava os principais escritórios de advocacia da

O diploma de professor emérito da USP (no alto) e o escritório de Basileu Garcia, que conserva os móveis e a decoração original





LIVROS PARA NÃO PERDER

Por Nelson Eizirik

A redação da primeira de uma série de crônicas sobre livros colocou-me em situação que não experimentava há muitos anos: a “angústia do papel em branco”. As possíveis causas: a primeira é que de fato estou diante do papel (resolvi escrever a primeira versão à mão, meio anacrônico, não?); a segunda é que ultimamente tenho escrito praticamente só sobre assuntos jurídicos.

Qual o tom certo a imprimir a esta coluna? Como recomendar livros sem ser peremptório? Como falar do que estou lendo sem parecer pedante?

Ajudou-me a leitura, há pouco terminada, de um livro do escritor inglês Nick Hornby, e é o primeiro que recomendo. Trata-se do *Frenesi Polissilábico: o Diário de Nick Hornby, um Leitor Perde as Estribeiras, Mas Nunca Perde a Esperança* (Rocco, 2009). É um bom livro, particularmente para quem gosta de refletir sobre hábitos de leitura. Não me agradou a “contabilidade literária” que faz: quantos livros comprou e quantos leu em cada mês. Mas seus comentários são muito inteligentes, bastante pessoais, ligando o ato de ler ao seu (dele, Hornby) cotidiano, associando quase livremente um livro ao outro, sem qualquer motivo que não o fundamental: o prazer da leitura! Seu argumento central é bem interessante: o livro para ser bom não precisa dar trabalho; se quisermos que a leitura sobreviva como forma de lazer devemos

promover as alegrias que nos proporciona, não apenas os seus benefícios, eventualmente discutíveis. Assim, ele recomenda: se estiver lendo um livro que acha chato, ponha-o de lado e vá ler outro, como mudaria de canal se não estivesse gostando do programa da TV.

Já que estamos falando sobre o hábito e os prazeres da leitura, há um belo livro de Alberto Manguel, também com um título engraçado: *À Mesa com o Chapeleiro Maluco* (Companhia das Letras, 2009). Manguel tem várias obras excelentes, quase todas tratando de... livros, das quais duas são, a meu ver, imperdíveis: *Uma História da Leitura* e *A Biblioteca à Noite*, ambas editadas pela Companhia das Letras. O *Chapeleiro* apresenta uma tipologia do leitor ideal, com alguns dos tipos você certamente irá se identificar. Gostei especialmente de uma descrição, encontrada em carta escrita por Goethe: há três tipos de leitor, o que aprecia o livro sem lê-lo; o que o julga sem apreciá-lo; e o terceiro, o ideal, que julga o livro enquanto o aprecia e o aprecia enquanto julga.

Vou continuar no assunto e contar uma historietta, passou-se comigo há pouco tempo. Sempre que viajo de avião – o que faço com alguma frequência, maior do que gostaria – levo um livro, de preferência de contos ou pequenas histórias, que possam ser lidos num voo curto. Depois que cessam as conversas no celular (como falam alto, aliás, nossos conterrâneos!) baixa um silêncio relaxante, é o momento ideal para abrir o livro, esquecer as reuniões já tidas ou ainda por

ter e mergulhar na leitura. Em algumas viagens levava comigo uma preciosidade, que lia e relia: *The Red Notebook*, de Paul Auster, publicado originalmente em 1992. Trata-se de um pequeno livro, composto de histórias curtas, reais, em que o acaso é o principal protagonista. Numa delas, Auster conta como inspirou-se para escrever “*Cidade de Vidro*”, uma das três histórias que compõem o clássico *Trilogia de Nova York* (Companhia das Letras, 1999). Alguém lhe telefonava perguntando pelo Sr. Quinn, da Agência de Detetives Pinkerton; ao dizer que era engano, Auster sentiu que desperdiçava uma oportunidade rara de aceitar o caso para ver no que dava. O personagem Quinn, de “*Cidade de Vidro*”, quando alguém lhe telefona pela segunda vez querendo falar com Paul Auster, da Agência de Detetives, não desperdiça a chance de viver uma aventura e responde que sim, ele é o detetive Auster, e assim começa uma alucinante narrativa. Em outra história do livro, Auster, em busca de auxílio para sua namorada, em apuros com a justiça na Irlanda, perto da cidade de Sligo, acaba num escritório de advocacia chamado Argue & Phibbs (literalmente “Argumentar e contar lorotas”, nada lisonjeiro para nós, advogados). Pois bem, numa viagem para Nova York esqueci o livro no avião. Desconsolado, procurei em várias livrarias da cidade, mas estava esgotado. De volta ao Rio, tratei de encomendá-lo; o exemplar que recebi, depois de longos meses, era uma outra edição, mais recente, que trazia, além

das histórias, alguns ensaios longos sobre literatura. Confesso que não gostei muito. Há poucos dias, num voo da Ponte Aérea Rio–São Paulo, deparei-me com um exemplar que alguém esquecera da excelente tradução de Rubens Figueiredo: *O Caderno Vermelho: Histórias Reais* (Companhia das Letras, 2009). Se você duvida de minha pequena saga de leitor contumaz e sortudo, abra o livro na página 26 e leia a história que se passa na Grand Central de NY: há de fato livros que procuram o seu leitor.

Uma última “dica”, também de um livro que me acompanha em viagens: *Entre Nós: um Escritor e Seus Colegas Falam de Trabalho*, de Philip Roth (Companhia das Letras, 2008). São entrevistas feitas por quem “é do ramo” – Roth – com alguns dos melhores romancistas contemporâneos: Primo Levi, Aharon Applefeld, Ivan Klíma, Isaac Bashevis Singer, Milan Kundera, Edna O’Brien; uma troca de cartas com Mary McCarthy sobre o magnífico livro de Roth *O Averso da Vida*, ao qual ela parece criticar pelo suposto anti-anti-semitismo do autor (sr. revisor: por favor não retire os hífens!); escritos sobre encontros e desencontros com Bernard Malamud; uma releitura de Saul Bellow; e uma carinhosa crônica sobre o pintor Philip Guston, que ilustrou o romance de Roth *O Seio*. A esse livro voltarei muitas vezes, é uma ótima “chave” para entendermos muitos dos entrevistados, cujos romances seguramente estarão aqui presentes em próximas crônicas. 